

50 anos de RBAs, 50 anos da ABA: rememorando o livro Homenagens

Cornelia Eckert

A Associação Brasileira de Antropologia comemorou em 2023 os 70 anos de reuniões brasileiras de antropologia. Como convidada para participar da mesa-redonda intitulada *70 anos de RBA*, que ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, no dia 28 setembro 2023, organizada pelas colegas Ana Flávia Moreira Santos (UFMG), Aderval Costa Filho (UFMG), Candice Vidal e Souza –Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), e pelo colega Rubens Alves da Silva (UFMG), a quem agradeço mais uma vez pelo honroso convite, trago aqui algumas notícias rememorativas.

Meu objetivo, nesse encontro da saudade e de novos aprendizados, foi trazer algumas reminiscências da minha atuação no ano em que comemoramos a XXV RBA, em Goiânia/GO, na Universidade Federal de Goiás (UFG), e na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), bem como revisitar o livro *Homenagens*, o qual tive a honra de organizar como coautora. Com esse foco, inicio meu depoimento colocando em destaque a complexidade que é assumir um cargo na ABA, integrando a diretoria, com suas obrigações cotidianas, sem esquecer dos bastidores de uma associação, que também apresenta enormes desafios. Quando Miriam Grossi, eleita presidente para a gestão 2005–2006, convidou-me para assumir a secretaria executiva, eu não imaginava que teria tantas tarefas, mas posso sintetizar os cinco maiores desafios, que foram: 1) montar uma secretaria em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),

em um período em que a ABA ainda não possuía uma sede fixa, tarefa que nos ocupou, no mínimo, um ano e, evidentemente, administrar a rotina da ABA; 2) resolver questões jurídicas, como a reforma do regimento, que envolveu contratar apoio jurídico, entre outras demandas; 3) montar projetos para o financiamento de atividades da ABA; 4) organizar a XXV RBA e, sobretudo, 5) celebrar os 50 anos da ABA, o que implicava um projeto comemorativo para os dois anos de nossa gestão. Sem dúvida, as demais tarefas cotidianas de secretaria executiva – atender a pedidos de laudos, atender à demanda dos(as) associados(as) – são pleitos que acompanham a ABA desde a sua fundação.

Assumimos as atividades comemorativas da “ABA 50 anos” na sequência da magnífica atividade celebrativa dos 50 anos de Reuniões Brasileiras de Antropologia, organizada pelos colegas da gestão anterior, sob a liderança de Gustavo Lins Ribeiro, presidente, Antônio Carlos de Souza Lima, vice-presidente, e Henyo Trindade Barretto Filho, secretário, e outros colegas da diretoria. Desde já, podemos depreender que a associação foi criada um ano após ocorrer a primeira Reunião de Antropologia. Assim, na “gestão de Gustavo” (2003-2004), como costumamos apelidar os ciclos de direção, ocorreu uma potente reunião comemorativa dos 50 anos de RBAs, evento que adveio no Rio de Janeiro, no Museu Nacional, e que reuniu quase todos os ex-presidentes que receberam a honraria de reconhecimento por sua dedicação à antropologia brasileira, homenageados com a então criada Medalha Roquette-Pinto¹. Esse evento também foi abrilhantado pelo lançamento do livro de Mariza Corrêa, ex-presidente da ABA gestão 1996-1997, intitulado *As reuniões brasileiras de antropologia, cinquenta anos*. Um livro impresso com importante acervo fotográfico. É importante lembrar, ainda, que o evento foi filmado por uma equipe sob a coordenação da antropóloga Patrícia Monte-Mór, que resultou no documentário *RBA 50 Anos – 1ª Reunião Brasileira de Antropologia*, homenagem a Heloísa

1 Roquette-Pinto foi o primeiro presidente de honra da ABA na primeira RBA, em 1953, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Alberto Torres (1895-1977, que liderou a organização da I RBA, no Museu Nacional no Rio de Janeiro).

A nossa gestão, de 2005-2006, foi, pois, ritmada por uma série de eventos comemorativos em homenagem aos 50 anos da ABA, como testemunha o relatório desse período.

Foram 14 eventos organizados com o apoio dos Departamentos e Programas de Pós-graduação de Antropologia ou Ciências Sociais das diversas universidades sedes, em 2005 e 2006:

Em Campinas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em junho de 2005.



Foto 1 – Evento 50 anos da ABA na Unicamp, em junho de 2005.



Foto 2 – Mesa temática coordenada pela presidente Miriam Grossi. Participam Gilberto Velho, Ruben Oliven, Silvio Coelho dos Santos e João Pacheco de Oliveira.



Foto 3 – Público presente no evento 50 anos da ABA na Unicamp, em junho de 2005.



Foto 4 – Mesa temática coordenada pela diretora regional Emília Pietrafesa de Godoy. Participam Manuela C. da Cunha, Gustavo Lins Ribeiro, Roque Laraia e Eunice Durham.



Foto 5 – Mesa de abertura com a presença de autoridades.



Foto 6 – Reunião do Conselho Diretor da ABA na Unicamp, em junho de 2005.

Em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina, em março de 2005, com a presença de Sílvio Coelho dos Santos, que descerrou uma placa comemorativa.



Foto 7 – Evento comemorativo dos 50 anos da ABA em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina. Discurso da presidente Miriam Grossi.

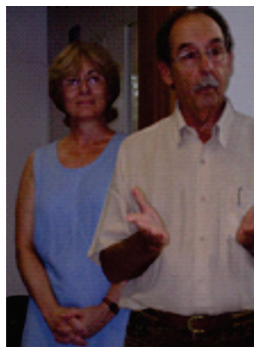


Foto 8 – Sílvio Coelho dos Santos, ex-presidente da ABA discursando no evento do descerramento da placa comemorativa.



Foto 9 – Discurso de Sílvio Coelho dos Santos.



Foto 10 – Público presente.

Em Natal, Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em abril de 2005.



Foto 11 – Mesa de abertura do evento comemorativo dos 50 anos da ABA em Natal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte com a presença de autoridades da UFRN e da presidente da ABA Miriam Grossi e do vice-presidente Peter Fry.



Foto 12 – Público presente.

Em São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP), em 7 de junho de 2005.



Foto 13 – Conferência da profa. Lux Vidal, no evento 50 anos da ABA na USP, São Paulo, em 7 de junho de 2005.



Foto 14 – Público presente.



Foto 15 – Conferência de Eunice Durham.



Foto 16 – Conferência de Ruth Cardoso.



Foto 17 – Conferência de Miriam Moreira Leite, ao lado de Josildeth Consorte.



Foto 18 – Mesa de abertura, fala da presidente Miriam Grossi.



Foto 19 – Fala de Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer na abertura de encontro sobre ética na Antropologia Visual, evento paralelo que contou com a presença da presidente Miriam Grossi. Na imagem, também está Paula Morgado.



Foto 20 – Eunice Durham, Cornelia Eckert, Miriam Grossi e Ruth Cardoso no final do evento comemorativo.

Em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), no dia 16 de junho de 2005.

Em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no dia 17 de junho de 2005.



Foto 21 – Conferência de Pedro Ignácio Schmitz. Mesa temática coordenada por Bernardo Lewgoy com Silvio Coelho dos Santos, Claudia Fonseca, Francisco Salzano.



Foto 22 – Público presente.



Foto 23 e 24- Mesa de abertura do evento comemorativo dos 50 anos de ABA com presença da presidente Miriam Grossi, vice-presidente Peter Fry e os professores Maria Eunice Maciel (coordenadora do PPGAS) e Ruben Oliven (ex-presidente).



Foto 25 - Miriam Grossi e Ruben Oliven apreciam a exposição comemorativa organizada pelo Navisual.



Foto 26 - Silvio Coelho dos Santos aprecia exposição comemorativa.

Em Boa Vista e Manaus, no âmbito da IX ABANNE, em 2 de setembro de 2005.²

Em Belo Horizonte, na UFMG, em 22 de setembro de 2005.

Em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em 7 de novembro de 2005.



Foto 27 e 28 – Mesa de abertura com presença da presidente Miriam Grossi e vice-presidente Peter Fry nos 50 anos da ABA em Salvador, na UFBA, no dia 7 de novembro de 2005.



Foto 29 – Banner comemorativo.

² ABANNE. Sigla da Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste.

Em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, em 8 de novembro de 2005.

Em Maceió, na Universidade Federal de Alagoas, em 9 de novembro de 2005.



Foto 30 e 31 – Mesa de abertura do evento comemorativo dos 50 anos da ABA com a presença da presidente Miriam Grossi e dos professores da UFAL. A professora Sílvia Martins coordena a mesa.

Em Belém, na Universidade Federal do Pará, em 27 de março de 2006.

Em Brasília, na Universidade de Brasília, em 26 de abril de 2006.

Em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás e na Universidade Católica de Goiás, em 28 de abril de (2006), e, por último, por ocasião da XXV RBA, de 10 a 16 de junho de 2006, que ocorreu em Goiânia/GO.

Essas reuniões foram sempre prestigiadas pela presidente Miriam Grossi e/ou pelo vice-presidente Peter Fry. Pude estar presente em Belém, São Paulo, Maceió e Porto Alegre.

Vou-me referir a esses eventos revisitando o livro que Emília Pietrafesa (então diretora da Região Sudeste) e eu, então secretária da ABA, organizamos, sob o título *Homenagens, Associação Brasileira de Antropologia 50 anos*, lançado em 11 de julho de 2006 no âmbito da XXV RBA, que engloba as conferências ministradas nesses 14 eventos.



Foto 32 – Na 24 RBA, em Recife, a diretoria gestão 2005–2006 eleita é apresentada na Assembleia Geral. Da esquerda para a direita: Miriam Grossi, Peter Fry, Jane Beltrão, Lia Machado, Cornelia Eckert, Antonella Tassinari, Elisete Schwade, Emília Pietrafesa de Godoy, Esther Jean Langdon, Flávio Wiik.

Trago aspectos que predominaram nas conferências bem como apontando algumas perspectivas singulares. O livro está dividido em duas partes. A primeira parte apresenta as conferências que resultaram de três mesas-redondas organizadas para o evento na Unicamp, coordenado por Emília Pietrafesa de Godoi, e uma segunda parte relativa às conferências que resultaram dos demais eventos em 13 localidades, atividades que receberam apoio da FINEP, da ABA, das Universidades anfitriãs e das instituições financiadoras: CAPES, CNPq e fundações de amparo estadual.

Os depoimentos contribuem consideravelmente para retomar os acontecimentos da fundação da ABA e, de modo especial, com a organização das Reuniões Brasileiras de Antropologia, com destaque para a primeira e a segunda reunião e para as reuniões no período da Ditadura Militar, que relatam os difíceis tempos e a corajosa retomada da RBA de forma mais pública e aberta, ainda em pleno período ditatorial. Também destaco os esforços regionais, os locais de organização da comunidade antropológica e as seções regionais, como a de 1959, em Curitiba, as quais, depois, se tornaram as Abinhas ou as Reuniões Norte/Nordeste, impulsionando programas e outros eventos a partir dos anos 1990, como se refere Carlos Cirino à Antropologia na Universidade Federal de Roraima. Entretanto, não vou me prolongar sobre as reuniões regionais para não me exceder no tempo de fala, mas muitas delas foram fundamentais para a organização das RBAs.

Depoimentos que retomam as RBAs

Quase todos os depoimentos se referem a I Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em novembro de 1953, no Museu Nacional no Rio de Janeiro, uma iniciativa do próprio Museu Nacional, com patrocínio do Ministério da Educação. Os primeiros preparativos registrados para essa reunião referem-se ao ano de 1948, quando Clemente Mariani, por parte do Ministério da Educação, designou uma comissão organizadora composta por Álvaro Froés da Fonseca, Edgar Roquette-Pinto, Arthur Ramos e Heloísa Alberto Torres. A reunião prevista para 1952 não aconteceu. O

novo ministro da Educação, Ernesto Simões Filho, designou uma nova comissão organizadora, formada por Heloísa Alberto Torres, Roquette-Pinto, Eduardo Galvão, Luiz de Castro Faria, Pedro Lima e Tarcísio Messias. Realizou-se, então, de 8 a 14 de novembro de 1953, no Museu Nacional, a Primeira Reunião Brasileira de Anatomia e Antropologia, com uma parte dedicada à Antropologia e que foi designada I RBA.

Nessa reunião, Heloísa Alberto Torres recebeu uma homenagem como diretora do Museu Nacional e foi considerada, por muitos, como a maior incentivadora e organizadora do encontro, mas também Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Edison Carneiro, Bastos de Ávila, Maria Júlia Passos, Manoel Diegues Jr., José Bonifácio Rodrigues, Costa Pinto e Castro Farias. Já a Mesa Diretora tinha por presidência Herbert Baldus e foi composta por Thales de Azevedo, Loureiro Fernandes, Manoel Diegues e René Ribeiro. Segundo Thales de Azevedo (tendo os Anais da II Reunião como fonte), o objetivo era fazer um balanço dos problemas de ensino da Antropologia e das possibilidades de pesquisa e de exercício das atividades técnicas e profissionais, em especial das relativas às etnografias com indígenas, sobre negros e brancos e sobre aspectos de Antropologia Física, Arqueologia e Linguística. Outro tema abordado (citado por Maria Rosário Carvalho) foi trazido pelo então diretor do Instituto de Administração da USP, Mário Wagner Vieira da Cunha, com a pergunta “Como pode o antropólogo ganhar a vida, trabalhando como antropólogo?”, quais as oportunidades de docência, de pesquisa ou técnico profissionais? O que preconizava na sua palestra era a inversão da realidade predominante de docência nas universidades. Propunha a predominância da pesquisa como base da estruturação das universidades. Mas aquela era uma época em que o financiamento de pesquisa ainda era raro, prevalecendo a Antropologia acadêmica por muito tempo. Naquela ocasião, Roquette-Pinto foi aclamado Presidente de Honra, e ainda foram homenageados Arthur Ramos (falecido em 1949), Marechal Cândido Mariano Rondon e Gilberto Freyre.

Maria de Azevedo Brandão, da UFBA, analisando as reuniões precursoras, relatou que a I Reunião decorreu de uma vontade sedimentada

pela intensa correspondência, pelos contatos diretos e pela amizade pessoal entre membros do pequeno e aguerrido núcleo pioneiro de antropólogos brasileiros vindos de várias ciências e, não raramente, da área médica. Mariza Corrêa citou a iniciativa de Egon Schaden de publicar a Revista de Antropologia que, em 56, tornou-se órgão oficial da futura associação. Entretanto, Brandão, ao estudar as cartas de Thales, mencionou a de 30 de maio de 1954, recebida de Darcy Ribeiro, que avaliava que não havia existido consenso no que se referia ao sucesso da I RBA.

A notícia de que haveria uma II RBA, de 3 a 8 de julho de 1955, segundo Josildeth Consorte, recém-chegada da Universidade de Columbia e da Universidade de Chicago, foi recebida com surpresa e entusiasmo. Thales de Azevedo era o presidente da RBA, seguido na diretoria por René Ribeiro, Manoel Diegues Jr., Frederico Edeliweiss e Carlos Ott. Para Maria Rosário de Carvalho, o contexto da UFBA era propício; afinal, era herdeira da Escola de Nina Rodrigues, esta reconhecida fundadora das investigações científicas sobre o negro no Brasil e do manifesto contra o racismo lançado pela Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia em 28 de agosto de 1942. Em acréscimo, a UFBA era herdeira da Faculdade Nacional de Filosofia, criada em 1941, onde seu presidente, Arthur Ramos, era catedrático de Antropologia desde 1939. Por fim, a forte presença de antropólogos estrangeiros na Bahia era mais um estímulo para ser sede do encontro. Quem ajudou financeiramente foram a reitoria da UFBA e a Fundação Estadual de Desenvolvimento para a Ciência. A proposta maior era criar a Associação Profissional, que foi instalada, tendo, por primeira diretoria eleita: Luiz de Castro Faria na presidência, Darcy Ribeiro como secretário e Roberto Cardoso de Oliveira como tesoureiro. Com 47 participantes, a programação era muito parecida com a da primeira reunião, predominando os temas da Pré-história, da Paleontologia Humana, da Arqueologia, da Antropologia Física, da Antropologia Cultural e Social, da Linguística, do Folclore, dos Problemas Profissionais e do Ensino. Segundo Maria Rosário de Carvalho, que estudou as Atas da II RBA, para Thales de Azevedo, a função era de estimular o interesse pelas Ciências Sociais. Com 57 inscritos, o universo

de pesquisa predominante foi a área indígena, chamando a atenção para a escassez de trabalhos sobre o negro, disse Josildeth Consorte, pioneira em estudos étnicos, religiosidade e educação. Mas o que esperar quando estavam presentes Darcy Ribeiro, Egon Schaden, Charles Wagley, Manuel Diegues, Carlos Galvão, Herbert Baldus etc.? Analisando as Atas e o noticiário da II RBA, Maria Rosário de Carvalho citou 31 comunicações científicas com temas como ensino, etnopsicologia, arqueologia, antropologia física, linguística, aculturação, imigração etc. Para Josildeth Consorte, havia certo ânimo no ar que provinha de mudanças importantes, como o fortalecimento da recém-criada CAPES (instituída em 1951 por iniciativa de Anísio Teixeira) que aumentava os financiamentos para a especialização e que se somava ao financiamento de especializações pelo Museu do Índio, por iniciativa de Darcy Ribeiro. Josildeth mencionou, ainda, a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, também sob a direção de Anísio Teixeira, que solidificou a formação de inúmeros pesquisadores.

As RBAs tiveram continuidade. A terceira ocorreu em Recife, em 1958; a quarta, em Curitiba, em 1959; a quinta, em Belo Horizonte, em 1961; a sexta, em São Paulo, em 1963. A III RBA, no ano de 1958, contou com 25 participantes, com apresentações individualizadas, conforme indica o texto coletivo de Antônio Motta, Russel Parry Scott e Renato Athias. Segundo os autores, essa RBA foi organizada sob a liderança de René Ribeiro, marcada por conferências de Luiz de Castro Faria (sobre política indigenista) e Harry William Hutchinson (sobre trabalho de campo) e uma comunicação de Darcy Ribeiro sobre educação e comunidades regionais diversificadas.

A regularidade das RBAs foi interrompida com o Golpe de 1964, mas duas reuniões acontecem camufladas no interior de outras atividades: a sétima, em 1966, em Belém, no âmbito do Simpósio sobre Biota Amazônica, e a oitava, em 1971, em São Paulo, mas sem assembleias da ABA. No relato do professor Igor Chmyz (no evento ocorrido em Curitiba na UFPR), analisando a ata da oitava reunião regional do Paraná, encontra-se a explicação do eminente professor Loureiro de que, na impossibilidade de realizar a RBA

em Brasília, a diretoria da ABA se reuniu com o coordenador do simpósio da Biota Amazônica para traçar estratégias de vinculação da VII RBA ao simpósio internacional que ocorreu em Belém, entre 6 e 11 de junho. Mas ficou combinado que, na ata do simpósio, não seria explicitada a vinculação acordada, embora houvesse um segundo volume dedicado à Antropologia, com 16 comunicações de Antropologia e 3 de Arqueologia. A RBA de 1971, em São Paulo, também veio atrelada a outro evento: o I Seminário de Estudos Brasileiros ou Encontro Internacional de Estudos Brasileiros, sob a liderança de João Baptista Borges Pereira. Segundo Igor Shmyz, não houve programação divulgada de trabalhos antropológicos.

Os anos 1970 traziam a reforma universitária. Nesse ínterim, houve a expansão da Antropologia nos cursos de graduação e pós-graduação; mas, a ditadura ainda era a grande ameaça do trabalho intelectual, científico e do ensino livre.

O depoimento de Sílvio Coelho dos Santos (presidente da ABA gestão 1992-1994) é central para nos informar sobre as dificuldades passadas por nossa associação durante os anos de ditadura. Segundo Sílvio, foram duas as reuniões interrompidas nos Anos de Chumbo com evidente perigo para a comunidade acadêmica. Em 1966, alguns poucos se reuniram no Simpósio sobre a Biota Amazônica, em Belém, quando elegeram Manuel Diegues Jr., que não estava presente, como Presidente; mas os oito anos que se seguiram foram de muita dificuldade na organização de atividades da ABA. Apenas em 1974, sob a liderança de Sílvio, um pequeno grupo organizou a IX RBA em Florianópolis. O professor Sílvio conferiu a mobilização possível por algumas razões: 1) a reforma universitária (vide Parecer Sucupira, de 1965), que dinamizou a criação de cursos de pós-graduação e, de modo especial, as áreas de Ciências Sociais e Antropologia. A presença de professores e estudantes no evento foi decorrente dessas mudanças. O grupo também reivindicava mais atuação da ABA. 2) A ambiência efervescente na UFSC, malgrado os conflitos e as dificuldades internas. A RBA poderia trazer ânimo à comunidade acadêmica. 3) A competência do grupo local, em especial com Sílvio na liderança, mas também de Anamaria Beck, Alroino

Baltazar Eble, Luiz Carlos Halfpap, Geresa Duarte, Maria José Reis e Neusa Maria Bloemer. 4) A circulação de publicações da produção local via revista criada por Oswaldo Cabral. 5) A liderança de Sílvio deveu-se ao impacto de sua pesquisa, ao livro *A integração do Índio na Sociedade Regional*, à sua participação, em 1971, na Reunião de Barbados, que teve por foco a violência das relações entre índios e brancos na América Latina e, na sequência, em outros eventos latino-americanos, com considerada revisão do posicionamento das igrejas sobre essa perspectiva, e o surgimento do Conselho Indigenista Missionário (em 1972). Sílvio também citou a reunião da USP, em 1971 (João Baptista Borges Pereira e Egon Schaden), como resistência, e outros eventos regionais, como o encontro de professores de Antropologia do Sul, em 1972, a exemplo de outros eventos dessa natureza promovidos pelo professor Schmitz, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A IX RBA aconteceu em 1974, e o Conselho da ABA deliberou que Thales de Azevedo da UFBA assumiria a presidência da ABA e que a X RBA seria sediada em Salvador, em 1976. Em face de mudanças regimentais, aumentou consideravelmente o número de associados, e as questões sociais e políticas, como a luta em prol de questões indígenas, ampliaram-se.

Miriam Grossi também enfatizou o importante papel desempenhado por professores e alunos para a realização da IX RBA, enquanto se vivia em um Estado de terror. Ruth Cardoso, em seu depoimento, comentou que a ABA foi a única que se reorganizou ainda durante o período da ditadura. Para Ruth, esse foi um fato fundamental da resistência da ABA e que tem sido pouco recordado.

Para Miriam Grossi, essa reunião foi um divisor de águas entre uma primeira fase de produção antropológica, a qual emergiu nos anos 30 e que esteve, entre os anos 1950 e 1960, vinculada aos museus (Museu Nacional, Museu Emílio Goeldi, Museu Paranaense de Antropologia e Arqueologia, Museu Antropológico da UFSC, entre outros), e uma segunda fase, em que a Antropologia estava relacionada sobremaneira aos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e Ciências Sociais. Nessa fase, os anos 1960,

destacou-se também, para Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, o papel das mulheres antropólogas. Assim, homenageou Eunice Durham, Josildeth Consorte, Lux Vidal, Miriam Moreira Leite e Ruth Cardoso, presentes na Mesa Comemorativa dos 50 anos da ABA, na USP. Ana falou de uma espécie de vanguarda pré-feminista, e Mariza Corrêa comentou que a trajetória dessas mulheres demonstrou a superação de um feminismo pautado em estratégias de vitimização, polarização e essencialismos em favor de enredos de posicionamento relacional.

Em 1976, ocorreu a reunião em Salvador, coordenada por Thales de Azevedo, com expressivo crescimento do evento. A ABA era presidida por René Ribeiro. Esse crescimento demandou mudanças reivindicadas pelos associados. Por isso, a reunião de 1978, em Recife, foi um marco. Josildeth Consorte relatou que a assembleia foi tensa, com o pedido de mudanças que viriam a seguir, sobretudo, relativas ao processo de escolha dos dirigentes.

Motta, Scott e Athias definiram que esta XI RBA foi um divisor de águas. O mundo acadêmico clamava contra a ditadura militar e reivindicava a abertura política e a retomada do processo democrático. Tensão entre as posições do tradicionalismo e conservadorismo se chocavam com atitudes de renovação e mudança, as mesmas que mobilizaram o país. Novos temas também ganham destaque. Além das importantes exposições de etnologia indígena, trabalhos sobre campesinato no Nordeste, no Brasil, ou estudos de movimentos sociais sobressaíam-se, emergindo uma antropologia política e/ou do desenvolvimento. A Assembleia Geral foi tensa e mesmo tumultuada, com jovens estudantes reivindicando renovação em relação ao futuro da ABA. Não faltaram críticas a René Ribeiro.

Luiz de Castro Faria foi eleito, e a RBA de sua gestão, a XII, ainda aconteceu no Rio de Janeiro. Doravante, as reuniões mudariam seu formato e seguiram o modelo da Anpocs³, de grupos de trabalho e de mesas-redondas, formato que se consolidou em 1986, na XV RBA, sob presidência de Roberto Cardoso de Oliveira, em Curitiba. Antes disso, a XIII RBA, sob

3 Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

a presidência de Eunice Durham, ocorreu em São Paulo, e a de 1984, XIV RBA, sob a presidência de Gilberto Velho, ocorreu em Brasília. Nos anos subsequentes, a luta da ABA se complexificou, como podemos considerar nos depoimentos dos ex-presidentes da ABA a seguir. O tema da democratização e modernização estava respaldado pela ABA, assim como a consciência da profissionalização da Associação.

As RBAs mantiveram doravante a regularidade a cada dois anos, intercaladas, a partir de 1995, por reuniões da RAM e da ABANNE, respectivamente, Reunião Antropologia Mercosul e Reunião Antropologia Norte e Nordeste e, mais recentemente, pela REA (Reunião Equatorial de Antropologia), além das reuniões internacionais das quais a ABA se associou na 24ª RBA, em Recife: o World Council of Anthropological Associations, sob a liderança do presidente da ABA gestão 2003-2004, Gustavo Lins Ribeiro. Vale lembrar que, burocraticamente, a ABA se informatiza a passos acelerados, seguindo o mundo digital, e que a RBA se informatizou em 2002, em Gramado, na gestão de Ruben George Oliven.

Depoimento de ex-presidentes sobre a ABA

Conforme noticiei no início de minha fala, o primeiro evento comemorativo dos 50 anos da ABA aconteceu na Unicamp, em 1 de junho de 2005. Na ocasião, foi convocada uma Assembleia da ABA que teve por objetivo reunir os ex-presidentes e demais membros do Conselho Diretor. Nessa ocasião, ocorreu uma reunião do Conselho e, na sequência, o evento comemorativo, com três mesas temáticas. Esse evento, como sabem, foi organizado para comemorar os 50 anos da ABA. Por isso, os depoimentos, em sua maioria, trazem contribuições para a história da Associação Brasileira de Antropologia ou para a Antropologia Brasileira, incluindo dados sobre as Reuniões Brasileiras de Antropologia. A primeira mesa-redonda foi intitulada *Homenagem da Antropologia da Unicamp à ABA*, a segunda, *Atuação da ABA diante das demandas sociais e políticas*, e a terceira,

Questões que dão à Antropologia o seu caráter atual. Nem todos os ex-presidentes estiveram presentes, mas enviaram suas contribuições para a história da ABA.

O primeiro depoimento no livro *Homenagens* é de Mariza Corrêa sobre o seu projeto *História da Antropologia no Brasil*, desenvolvido desde 1984, e que, por seu esforço, reuniu importantes documentos e fotografias depositados no Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, tornando-se, desde então, o arquivo oficial da ABA. Mariza relatou as dificuldades para o início do projeto, como as entrevistas com precários equipamentos e a perda de muitos desses materiais preciosos. Mas, por sorte, várias entrevistas e depoimentos importantes foram realizados com antropólogos(as) brasileiros(as), como Thales de Azevedo, Roberto da Matta, Berta Ribeiro, Roque Laraia, entre outros, e alguns mistérios foram desvendados.

Antônio Arantes (no texto *Origens do Departamento de Antropologia da Unicamp*) trouxe a história da Faculdade de Filosofia da USP e os difíceis anos 1960 que atingiram nefastamente essa instituição, a qual era o principal centro político-intelectual do estado paulista. Relatou Arantes que, residindo no exterior, somou-se aos esforços para articular um novo curso de Ciências Sociais na recém-criada Unicamp. Tempos de mudanças teóricas substanciais para considerar os diferentes movimentos sociais e políticos em curso que desafiavam a grande questão de época: como contribuir para a construção da democracia em uma conjuntura dominada pelo regime militar? Em nível interno, nos cursos de ciências sociais, vivia-se o dilema de como renovar os conteúdos programáticos com aceitabilidade institucional que incorporassem as novas levas teóricas e conceituais de cunho crítico e transformador.

Roberto Cardoso de Oliveira (em *Antropologia e Interdisciplinaridade*), escreveu um texto em memória de Vilmar Faria, que foi um parceiro na idealização da criação de um programa interdisciplinar de Ciências Sociais no contexto brasileiro, a exemplo da Universidade de Harvard. Esse espírito interdisciplinar, ou ao menos multidisciplinar, foi

possível a partir de um convívio entre as diferentes disciplinas oferecidas nas Ciências Humanas e nas pesquisas nas quais a Antropologia se faz presente com vigor.

Na mesa intitulada *Atuação da ABA diante das demandas sociais e políticas*, Gilberto Velho centrou-se nos desafios enfrentados pela ABA de atuar como sociedade científica no âmbito de um contexto com suas múltiplas complexidades que implicava “estimular e promover as relações entre diferentes grupos, centros e indivíduos” (Velho in ECKERT e GODOI, 2006, p. 59). Das complexidades, apontou tanto a atuação nas “várias instâncias do poder público” (Velho in ECKERT e GODOI, 2006, p. 59) como com as agências de fomento, quanto em outras instâncias. Tal atividade não era isolada, mas em conjunto com as demais associações, como a Anpocs e a Sociedade Brasileira de Ciências, a Academia Brasileira de Ciência etc., tampouco ausente de dificuldades, sobretudo para fugir das armadilhas da burocratização. Gilberto trouxe como um dos grandes desafios o tema da ética no trabalho de campo na elaboração e divulgação dos resultados de pesquisas, uma vez que é preocupação da ABA a “valorização da pluralidade e [a] defesa dos direitos das mais diversas minorias” (Velho in ECKERT e GODOI, 2006, p. 60), como é igualmente notória a defesa de grupos e pessoas em torno de temas étnicos, de gênero, da violência e criminalidade, da saúde etc.

Sílvio Coelho dos Santos ainda destacou, na história da ABA, o forte posicionamento da entidade, que negou apoio ao intento de, burocraticamente, o governo militar eliminar a proteção do Estado a um número ponderável de grupos indígenas, posição divulgada, em 1978, na PUC-SP; e em Brasília, na sequência. Destaco a criação da Comissão de Assuntos Indígenas, em 1980, (depoimento de Eunice Durham) e o Boletim da ABA, em 1986 (depoimento de Manuela Carneiro da Cunha).

Essa centralidade na luta pelos problemas na cena indigenista foi um foco importante no relato de João Pacheco de Oliveira (gestão 1994–1996). No capítulo *Uma ABA Indigenista? Notas para uma experiência singular do*

fazer antropológico, João homenageou os ex-presidentes Roberto Cardoso de Oliveira, Manuela Carneiro da Cunha, Sílvio Coelho dos Santos, Roque Laraia e ele próprio, refletindo sobre as intervenções políticas da ABA e o esforço de “não assumir posturas partidárias” (PACHECO de OLIVEIRA in ECKERT e GODOI, 2006, p. 73). Pacheco sintetizou o papel da ABA em seu projeto de contribuir para uma compreensão aprofundada dos fenômenos que precisava analisar criticamente, baseada em dados e análises que resultavam de pesquisas oriundas da comunidade interpretativa que tratava do tema indígena, valendo o mesmo para os demais assuntos. Com essa legitimidade, a atuação da ABA tem sido extraordinariamente ciente, em que se destaca, entre tantos exemplos, a participação da ABA como instância técnica munida de autoridade científica para atuar a favor dos direitos territoriais indígenas na constituição da Carta Constitucional de 1987 e 1988, na gestão de Manuela Carneiro da Cunha. Roque Laraia também enfatizou o trabalho da ABA nesse contexto como uma importante participação na defesa das terras indígenas.

Dessa forma, a ABA se consolidou como importante ator político e intelectual coletivo, como sugeriu Ruben George Oliven (2000-2002) em seu relato intitulado *A atuação da ABA diante das demandas sociais e políticas*. Para ele, a ABA pautou-se por três compromissos fundamentais: “[...] o respeito pela diversidade de posições científicas entre seus associados, a seriedade de suas atividades acadêmicas e o compromisso intransigente com populações com as quais a ABA está envolvida, por meio de pesquisas ou de intervenções sociais” (OLIVEN in ECKERT e GODOI, 2006, p. 79). Mas, ao mesmo tempo, a partir de seus associados(as), a diversidade dos saberes e práticas antropológicas é surpreendente e dá uma dinâmica *sui generis* para esse campo de conhecimento. Por outro lado, o crescente envolvimento da ABA com questões públicas é notório, como a grande demanda de laudos para a entidade; portanto, há uma atuação pública crescente, relacionada ao comprometimento com os grupos de pesquisa.

A mesa *Questões que dão à Antropologia o seu caráter atual* recebeu contribuições como as de Eunice R. Durham sobre a relevância da Antropologia, lembrando da importância de uma atitude mais modesta (*nem salvadores, nem profetas*) e de uma posição mais firme em relação “ao valor do conhecimento que produzimos” (DURHAM in ECKERT e GODOI, 2006, p. 93): “O fato de sermos frequentemente ouvidos e até mesmo respeitados, já não é pouco” (DURHAM in ECKERT e GODOI, 2006, p. 94). Para Maria Manuela Carneiro da Cunha (1986-1988), isso implicava reconhecer o quanto nossa disciplina pode alterar os termos de debates que envolvam os conhecimentos tradicionais situados em um campo de disputa de biopoderes. Roque Laraia (1990-1992), que também dedicou o seu texto à temática indigenista no capítulo *Questões que dão à antropologia o seu caráter atual*, relembrou as dificuldades e argumentou sobre nossa credibilidade mediante as contradições vividas pelos diversos grupos indígenas enquanto pensávamos que a homologação poderia ser o ponto decisivo do processo de regularização de suas terras. Uma postura crítica constante sobre nossas abordagens e sobre o recurso de novas estratégias desafiaram-nos constantemente neste século em sua continuidade.

Outro importante desafio foi trazido por Gustavo Lins Ribeiro (2002-2004) com o tema das antropologias mundiais face às mudanças histórico conjunturais, tratadas no capítulo *Pós-imperialismo, antropologias mundiais e a tensão provincianismo metropolitano/cosmopolitismo provinciano*. Gustavo referiu-se a um mundo em descolonização após a Segunda Guerra Mundial e ao processo de descolonização da própria Antropologia e, nesse âmbito, o desafio do relacionamento entre antropologias e antropólogos no plano mundial: “da geração de conhecimento sobre dinâmicas globalizadas” (Lins Ribeiro in ECKERT e GODOI, 2006, p. 109) e isso na “tensão entre provincianismo metropolitano e cosmopolitismo provinciano” (Lins Ribeiro in ECKERT e GODOI, 2006, p. 111). Gustavo, de certa forma, reforçou em suas reflexões a sua grande contribuição para a participação da ABA no processo de internacionalização da Antropologia com a

criação do WCAA e com a participação da ABA, que terá continuidade nas demais gestões.

Palavras finais

Uma última referência antes de encerrar é alusiva ao meu direto envolvimento na organização de duas RBAs. A XXV RBA, que teve lugar em Goiânia, foi presidida pelo colega Manuel Ferreira Lima Filho, com sede na Universidade Federal de Goiânia e na Universidade Católica de Goiás.



*Foto 33 – Reunião do Conselho Diretor.
Mesa da Diretoria. Goiânia,
11 de junho de 2006.*



*Foto 34 – Membros do
Conselho Diretor.*



Foto 35 – Mesa composta pela presidente da ABA Miriam Grossi, pelo Vice-Presidente Peter Fry, pela tesoureira Esther Jean Langdon e pela secretária Cornelia Eckert.



Foto 37 – Quiosque da ABA na 25ª RBA. Em Goiânia, de 11 a 14 de junho de 2006.

Foto 36 – Foto no pórtico da 25ª RBA. Flávio Leonel da Silveira, Manuel Ferreira Lima Filho, coordenador geral da 25ª RBA, Cornelia Eckert e Julie Cavnac.



Foto 38 – Camisetas da 25ª RBA.

Em 2022, a XXXIII RBA ocorreu em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná. Foi um evento on-line ainda sob efeito da pandemia, com a presidência do colega João Rickli. Apenas gostaria de dizer que sou muito agradecida aos que participaram desse processo de organização nessas três universidades.



Foto 39 e 40 – Equipe organizadora da 33ª RBA em Curitiba, 28 agosto a 3 de setembro de 2022. Carol Parreiras, João Rickli, Carly Machado, Roberto Pinheiro.

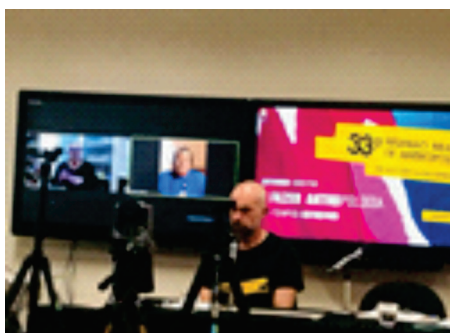


Foto 41 e 42 – Mesa de conferências coordenada pela presidente da ABA Patrícia Birman, o coordenador geral da 33ª RBA Prof. João Rickli e o tesoureiro adjunto da ABA, Camilo Braz.



Foto 43 – Patrícia Birman e João Rickli brindam após a conferência de encerramento.



Foto 44 – Self de alguns membros da equipe organizadora da RBA Carly Machado, João Rickli, Camilo Braz, Cornelia Eckert e Matheus França.

Agradecimentos igualmente a Carine Lemos, Roberto Pinheiro e Silvane Xavier, da secretaria administrativa da ABA, que colaboraram na organização de várias RBAs, incluindo esta de 2022.



Foto 45 – Fotografia com Carine Lemos, tirada na XIV Reunião Antropologia Mercosul, de 1 a 4 de agosto em Niterói/RJ.



Foto 46 – Banner da RBA 70 anos na gestão da presidente Andréa Zhouri.

Foi muito trabalho em tempos difíceis, em especial nos anos horrosos de 2021 e 2022, sob o desgoverno do presidente Bolsonaro e a péssima gestão relacionada a saúde, a educação e a economia, o que exige vigilância e muita mobilização de lutas e movimentos sociais com nossa participação e ativismo. Em tempo, quero agradecer pela parceria da colega Patrícia Birman, presidente da ABA na gestão 2021-2022, em que atuei como vice-presidente. Trabalhamos muito e resistimos aos muitos ataques e desrespeitos. Para essa atuação, foi fundamental a parceria da nossa diretoria, com Carla Teixeira e Carly Machado na secretaria executiva, Andréa Lobo e Camilo Braz na tesouraria, além dos diretores Fábio Mura, João Frederico Rickli, Luciana de Oliveira Dias e Patrícia Maria Portela Nunes, e de todos os Comitês e todas as Comissões que compõem a ABA, além dos colegas atuantes nessas instâncias. Não há como deixar de agradecer aos colegas da Unb por sediarem a nossa ABA, um alento para qualquer diretoria, e, mais uma vez, à nossa querida e eficiente secretaria administrativa, com um time super profissional, com Carine, Roberto e Silvane, Gratidão!

Vou fechar com as palavras de Ruth Cardoso, que constam página 161: “[...] a ABA é uma associação profissional que se levou a sério todo esse tempo; ela sempre foi uma associação forte e coesa, mas ela também era uma associação muito alegre”. As RBAS não eram uma reunião na qual se cultivava somente a seriedade, “era um espaço de sociabilidade” (Cardoso In ECKERT e GODOI, 2006, p. 162). Sigamos alegres na solidariedade! Vida longa para ABA e para as RBAs. Obrigada, colegas da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade Católica de Minas Gerais, pela acolhida na comemoração dos 70 anos de RBAs!

Referências

ABA. *Relatório das atividades realizadas pela gestão 2005-2006 da Associação Brasileira de Antropologia*. Florianópolis: Nova Letra, selo ABA, junho de 2006.

ECKERT, C.; GODOI, E. P. de. *Homenagens. Associação Brasileira de Antropologia 50 anos*. Florianópolis: Nova Letra, ABA, 2006.